

A contradoutrina dionisíaca: arte e filosofia em Nietzsche

Vinícius Renaud*

Resumo

Nietzsche se destaca como um dos pensadores mais críticos em relação à tradição filosófica metafísica. Sua leitura da história do pensamento sustenta-se em uma interpretação que aproxima platonismo, cristianismo e modernidade como um eixo de sustentação a uma determinada manifestação da vontade de poder: a vontade de verdade. A partir do predomínio desse elemento na tradição, Nietzsche trata como consequência do evento que denomina “a morte de Deus” e seu decorrente niilismo. No entanto, se o niilismo é, por um lado, o resultado da decadência do modelo tradicional de pensamento e de civilização, por outro, é também a possibilidade de vivenciar uma outra experiência filosófica. Para realizar a travessia do niilismo como oportunidade, Nietzsche precisou cunhar uma contradoutrina, que o autor veio a chamar de “dionisíaca”. Nesse sentido, sua filosofia se apresenta como um filosofar artístico e voltado à experimentação.

Palavras-chave: Contradoutrina dionisíaca; Trágico; Niilismo.

The Dionysian counter-doctrine: art and philosophy in Nietzsche

Abstract

Nietzsche stands as one of the most critical thinkers regarding metaphysical philosophical tradition. His reading of the history of thought holds in an interpretation that brings Platonism, Christianity and modernity as an axis of support to a particular manifestation of the will to power: the will to truth. From the predominant element in this tradition, Nietzsche comes as a result of what he calls the event "death of God" and its resulting nihilism. However, if nihilism is, on the one hand, the result of the decay of the traditional model of thought and civilization, on the other, is also the possibility of experiencing another philosophical experience. To accomplish the crossing of nihilism as an opportunity, Nietzsche needed to coin a counter-doctrine, the author came to call "Dionysian". In this sense, his philosophy is presented as an artistic philosophy and directed experimentation.

Keywords: Dionysian counter-doctrine; Tragic; Nihilism.

* Mestrando do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: viniciusrenaud@gmail.com.

Na interpretação de Nietzsche do pensamento metafísico tradicional, pensamento este que, segundo o filósofo, se dá sempre por instaurações que tentam superar (de uma vez por todas) a ausência de sentido e justificação para o sofrimento no mundo, pode-se perceber a recorrência de um equívoco. O erro está na repetição da tentativa de supressão dos elementos mais sombrios da existência; a constante busca por segurança e proteção produz um homem fraco, amedrontado e necessitado de crenças que lhe prometam algum tipo de redenção, salvação ou “justiça” para suas dores. Em virtude de suas fragilidades, desenvolve-se um modo de vida reativo que, se por um lado tenta dar uma resposta satisfatória, por outro, falha no lidar com a dimensão mais originária da vida para Nietzsche: a dimensão trágica.

O homem não é preparado, pela tradição cristã e moderna, para enfrentar os processos de destruição, o sucumbir, e aí é possível ver recorrentemente a crítica de Nietzsche à política e à educação, esta entendida como forma de arruinar a exceção em prol da regra,²⁵¹ incluindo também pesadas críticas à religião e principalmente à moralidade dominante, produtora do homem útil, medíocre.²⁵² Ao encarar a vida por uma única perspectiva – a perspectiva platônico-cristã (e seu desdobramento moderno), a humanidade, enfraquecida, entrou em um ciclo de repetição de fracassos – e essa repetição levou e levaria a vivenciar repetidamente o niilismo e a desorientação – tudo isso legado a uma humanidade não preparada (já que frágil e dependente) para tal vivência. A eterna promessa de redenção e paraíso (mesmo que na Terra) causaria a expectativa que acabaria por desvalorizar a vida.

Nietzsche dizia que “o que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido”.²⁵³ Buscar sentido é uma atividade humana, o avaliar, o valorar, o dar uma relação de causa e efeito são atitudes que visam à manutenção da sobrevivência do homem – formas, etapas, manifestações da expressão da vontade de poder. O problema para o

²⁵¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Outono de 1887, 9 [139].

²⁵² Id. *Humano, demasiado humano I: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. § 228.

²⁵³ Id. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. “Segunda dissertação”, § 7.

autor alemão é quando segurança e sobrevivência se transformam no único objetivo do homem, a ponto de toda uma civilização se erguer a partir da busca pela obtenção de um sentido estável, uno, imutável, verdadeiro, que dê uma resposta definitiva, de uma vez por todas, infalível.²⁵⁴ Esse fenômeno seria a manifestação da vontade de verdade, forma decadente da vontade de poder:²⁵⁵

A crença no fato de que o mundo, que deveria ser, é, efetivamente existe, é uma crença dos improdutivos, *que não querem criar um mundo* tal como ele deve ser. Eles o estabelecem como por si subsistente, eles buscam meios e caminhos para chegar até ele – ‘*vontade de verdade*’ – *como impotência da vontade de criar* [...] Quem não consegue colocar sua vontade nas coisas, os desprovidos de vontade e de força, insere ao menos ainda um *sentido* aí: isto é, a crença no fato de que já estaria presente uma vontade, que quer ou deve querer nas coisas.²⁵⁶

A vontade de verdade seria a vontade de poder do homem incapaz de suportar tanto o sofrimento quanto a ausência de sentido, o que anseio pelo mundo do permanente, o tipo humano incapaz de recriar-se, de se autossuperar, seria aquele que sucumbiria à forma extrema de niilismo – o eterno retorno: “A existência, tal como ela é, sem sentido e sem meta, mas inevitavelmente retornando, sem um final no nada: ‘o eterno retorno’. Essa é a forma mais extrema do niilismo: o nada (o ‘sem-sentido’) eternamente!”²⁵⁷ Aqui cabe uma consideração sobre o que seria o eterno retorno como fenômeno de radicalização da experiência do niilismo. O aforismo do eterno retorno, intitulado “O maior dos pesos”, inicia com uma indagação de que se de repente aparecesse um demônio e dissesse que a vida, como se viveu e vive, fosse se repetir incontáveis vezes, com cada dor e prazer

²⁵⁴ Id. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. “VI. Os quatro grandes erros”, § 5.

²⁵⁵ Id. *Fragments póstumos: 1887-1889: volume VII*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. Começo do ano 1888, 14 [103].

²⁵⁶ Id. *Fragments póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Outono de 1887, 9 [60].

²⁵⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragments póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Verão de 1886 – Outono de 1887, 5 [71].

contidos nela, qual seria a relação do homem que recebesse tal notícia. O aforismo encerra-se com um questionamento de cunho ético:

A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não *desejar nada* além dessa última, eterna confirmação de chancela?²⁵⁸

O eterno retorno é a forma extrema de niilismo porque retira da vida e do mundo qualquer ideia de finalidade, de teleologia, de sentido *a priori* que garanta um princípio, meio e fim para o homem, impede a interpretação do sofrimento como etapa de merecimento do reino dos céus ou conquista do além-mundo. Não há mais uma narrativa que possibilite que se faça justiça às dores da vida, tudo se torna gratuito e sem sentido. O pensamento do retorno possui um caráter niilista porque “em certo aspecto, esse pensamento eterniza o ‘em vão’, a falta de uma meta final”.²⁵⁹ As dores, os sofrimentos, a necessidade de dar direção, dar destino à própria vida, assim como os gozos, as conquistas e as derrocadas, tudo que cerca a existência humana não será superado por algo “melhor”: “A vida humana é sinistra e sempre desprovida de sentido”.²⁶⁰ Segundo Nietzsche, a humanidade não evolui, não progride como um todo, como espécie, sua realidade é a de eternos ciclos de destruição e criação.

Visão de conjunto. De fato, todo grande crescimento também traz consigo um *desmoronamento* e um *periclitamento* descomunais: O sofrimento, os sintomas do declínio *pertencem* aos tempos de um avanço descomunal. Todo movimento fecundo e poderoso da humanidade *criou ao mesmo tempo* um movimento niilista. Sob certas circunstâncias, o fato de a forma *mais extrema* do pessimismo, o *niilismo* propriamente dito, ter vindo ao mundo seria o sinal de um

²⁵⁸ Id. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. § 341.

²⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. P. 340.

²⁶⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. “Prólogo de Zaratustra”, § 7.

crescimento incisivo e de todos o mais essencial, de uma transição para o interior de novas condições existenciais. *Foi isso que compreendi.*²⁶¹

Nesse sentido, para Nietzsche, o problema não é inventar leis, normas, estabelecer o que é certo e errado, o que é bom e o mau, o desejável e o repulsivo numa sociedade, numa cultura, porque é do homem valorar, e a moral é uma forma de preservação de vida: “As morais não passam de uma *semiótica dos afetos*”;²⁶² o problema é não assumir que isso é uma criação, uma convenção, é esquecer da artificialidade do projeto, de sua ficcionalidade, mesmo que pareça tão natural, e seja, ao humano, já que “ajustamos para nós um mundo em que podemos viver”.²⁶³ Com o passar do tempo, das gerações, os homens se esquecem que tudo é sua obra, e as criações passam a ser natureza, e de natureza passam a sagrado, intocável, eterno, absoluto, inquestionável – até aparecer algum espírito inovador, ousado, “mau”, que, munido do martelo, destrói e constrói simultaneamente, revelando uma verdade crua, dura, a da vontade de poder por trás das intenções “boas”, supostamente puras e desinteressadas.

O esquecimento da criação, o entronizar de uma determinada moral, acaba por negar a concepção trágica da existência, e seu ritmo de construção e dissolução da existência humana (com seus eternos ciclos de criação e destruição), pois a necessidade de valorar, instaurar, e sucessivamente superar, dismantelar e sobretudo avaliar constantemente é o grande ensinamento do eterno retorno, que “dota nossa existência pessoal de sentido e importância. Ensina-nos a afirmar a vida e não buscar a redenção de seu caráter trágico”.²⁶⁴ No entanto, dado o despreparo do homem de lidar com os ciclos de dissolução, após dois mil anos de uma cultura que o enfraqueceu e não o preparou para desenvolver seu potencial criativo,²⁶⁵ que adestrou o homem para que ele se refugiasse no obscuro,²⁶⁶

²⁶¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Outono de 1887, 10 [22].

²⁶² Id. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. § 187.

²⁶³ Id. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. § 121.

²⁶⁴ ANSELL-PERSON, Keith. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. P. 125.

²⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. “Terceira dissertação”, § 27.

Nietzsche percebia que a experiência do niilismo abria duas possibilidades. Aqui cabe uma breve exposição do que Nietzsche entendia por “niilismo”, sua relação com “a morte de Deus” e os aspectos positivos e negativos desse “evento”.

Nietzsche explica e correlaciona o aparecimento do niilismo na modernidade mediante o relato do evento da “morte de Deus”. O que é a morte de Deus?²⁶⁷ O que ela representa? O fim do elemento que orientava a existência, o elemento emanador de sentido a experiência humana, aquilo que garantia explicações para castigos, punições, em vista do “pecado” cometido contra algum mandamento moral divino, ou um descumprimento de uma lei pretensamente natural, assim como a obtenção de salvação, de graça, a partir do adotar de uma postura que estivesse condizente com uma moral específica, de acordo com as regras e normas da comunidade. Os antigos arranjos da vida, os determinantes do “porquê”, “para quê” esfrelam-se, e o homem se vê desamparado, sem ter de onde retirar os fundamentos para suas ações e as justificativas para sua existência. A antiga crença no Deus cristão declina, e junto com ela o sentido da existência. A consequência desse processo, segundo Nietzsche, é o niilismo:

Niilismo: falta a meta; falta a resposta ao “por quê?” que significa niilismo? – o fato de que os valores supremos se desvalorizaram [...] Que os valores supremos desvalorizam-se. Falta o fim; falta a resposta ao ‘Por quê?’ [...] A questão do niilismo “para quê?” parte do hábito até aqui, graças ao qual a meta parecia colocada, dada, exigida de fora – a saber, por meio de uma *autoridade supra-humana* qualquer. Depois que se desaprende a acreditar nesse hábito, busca-se, então, segundo o hábito antigo, uma *outra autoridade* que *soubesse falar incondicionalmente*, que *pudesse comandar metas e tarefas*.²⁶⁸

Um dos efeitos colaterais, sua forma reativa de manifestação, é a busca desenfreada por um novo ocupante do cargo, em vista de o homem não estar pronto para alçar voos maiores, por faltar ainda amadurecimento intelectual, fisiológico e filosófico – nesse aspecto pode se entender a utilização da ciência como busca segura por verdades, a nova esperança de

²⁶⁶ Id. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. § 107.

²⁶⁷ O aforismo de Nietzsche que descreve a morte de Deus é o 125 (“O homem louco”) de *A gaia ciência*.

²⁶⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Outono de 1887, 9 [35] e [43].

certeza, o que não deixa de ser uma outra crença na verdade: “A nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica* [...] aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina”.²⁶⁹ O niilismo, como fenômeno de soterramento dos mecanismos que garantiam estabilidade no exercer da vontade de verdade, na visão moral de mundo, se por um lado parece levar todas as possibilidades de fundamentação humanas à derrocada, por outro, avanta possibilidades a partir desse processo de destruição. Nietzsche afirma que o niilismo tanto pode representar a experiência da falta de sentido, de ausência de norteamento – que precipitaria ao desespero, à angústia e ao pessimismo, podendo, inclusive, levar a uma tentativa às pressas de descobrir um novo elemento capaz de nortear a existência humana – quanto significar uma possibilidade ao homem, uma riqueza de oportunidades. Essa sensação de abertura de novas chances de experimentação pode ser compreendida a partir do que Nietzsche descreve como a experiência do “mar aberto”:

O maior acontecimento recente – o fato de que “Deus está morto”, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa [...] e tudo quanto irá se desmoronar, agora que esta crença foi minada, porque estava sobre ela construído, nela apoiado, nela arraigado: toda a nossa moral européia, por exemplo [...] Talvez soframos demais as *primeiras consequências* desse evento – e estas, as suas consequências *para nós*, não são, ao contrário do que talvez se esperasse, de modo algum tristes e sombrias, mas sim algo difícil de descrever, uma nova espécie de luz, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, aurora... De fato, nós, filósofos e “espíritos livres”, ante a notícia de que “o velho Deus morreu” nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o *nosso* mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto “mar aberto”.²⁷⁰

Ou seja, parece haver uma dupla significação para o niilismo, dois modos de se lidar com a situação, e é o que justamente Nietzsche nos diz, ao apontar aspectos positivos e negativos da experiência do niilismo, remetendo a uma ambiguidade próprio do acontecer do

²⁶⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. § 144.

²⁷⁰ Id. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. § 343.

niilismo. Em uma determinada perspectiva, niilismo pode ser um sinal do poder elevado do espírito, o que para Nietzsche seria um o niilismo ativo: “Ele pode ser um sinal de *força*: a força do espírito pode ter crescido a tal ponto que as metas *até aqui* se mostrem inapropriadas para ele (‘convicções’, ‘artigos de fé’)”.²⁷¹ Por outro lado, niilismo também pode significar um declínio e retrocesso do poder do espírito, um sinal de enfraquecimento e esgotamento em que os valores e metas já se encontram defasados e não encontram mais nenhuma força de sustentação. Nietzsche define esse tipo de niilismo como “passivo”.²⁷²

Experimentar o niilismo como acontecimento positivo, desprender-se das sombras da morte de Deus²⁷³ seria o indicativo de um caminho de acolhimento do eterno retorno e do niilismo como possibilitadores da transvaloração dos valores até então vigentes, como por exemplo o dotar a existência do mundo sensível de dignidade, dando fim à dicotomia mundo sensível *versus* mundo verdadeiro, prevalecendo apenas “mundo”. Ao realizar o itinerário de viver só, sem Deus e uma moral norteadora tradicional, que pudesse lhe trazer segurança e estabilidade, Nietzsche precisou inventar uma contrapartida. Essa proposta seria chamada por ele de “contradoutrina dionisíaca”, uma espécie de antídoto aos efeitos que o cristianismo e as demais manifestações da vontade de verdade teriam gerado na civilização ocidental ao produzir um tipo de homem amedrontado, acovardado e com seu potencial atrofiado:

O cristianismo foi desde o início, essencial e basicamente, asco e fastio da vida na vida, que apenas se disfarçava, apenas se ocultava, apenas se enfeitava sob a crença em “outra” ou “melhor” vida. O ódio ao “mundo”, a maldição dos afetos, o medo à beleza e à sensualidade, um lado-de-lá inventado para difamar melhor o lado-de-cá, no fundo um anseio pelo nada, pelo fim, pelo repouso, para chegar ao “sabá dos sabás” – tudo isso, não menos do que a vontade incondicional do cristianismo de deixar valer *somente* valores morais, se me afigurou sempre como a mais perigosa e sinistra de todas as formas possíveis de uma “vontade de declínio”, pelo menos um sinal da mais profunda doença, cansaço, desânimo, exaustão, empobrecimento da vida – pois perante a moral (especialmente cristã, quer dizer, incondicional), a vida *tem* de carecer de razão de maneira constante e

²⁷¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Outono de 1887, 9 [35].

²⁷² Id., ib.

²⁷³ Id. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. § 108.

inevitável, porque é algo essencialmente amoral – a vida, oprimida sob o peso do desdém e do eterno não, tem que ser sentida afinal como indigna de ser desejada, como não-válida em si. A moral mesma – como? A moral não seria uma “vontade de negação da vida”, um instinto secreto de aniquilamento, um princípio de decadência, apequenamento, difamação, um começo do fim? E, em consequência, o perigo dos perigos?... *Contra* a moral, portanto, voltou-se então, com este livro problemático [*O nascimento da tragédia*], o meu instinto, como um instinto em prol da vida, e inventou para si, fundamentalmente, uma contradoutrina e uma contravaloração da vida, puramente artística, *anticristã*. Como denominá-la? Na qualidade de filólogo e homem das palavras eu a batizei, não sem alguma liberdade – pois quem conheceria o verdadeiro do Anticristo? – com o nome de um deus grego: eu a chamei dionisíaca”.²⁷⁴

Nesse sentido, a filosofia nietzschiana assume seu viés artístico, como um filosofar artístico, que privilegia a criação, mas ao mesmo tempo reposiciona o que ele entende por arte, a sua função, sua genuína característica. Seu pensamento é anticristão a partir daquilo que Nietzsche compreende por “cristianismo”, ou seja, como uma doutrina baseada no ressentimento, no castigo e na expiação. Passa pelo projeto nietzschiano o intento de, ao realizar uma inversão do platonismo e do cristianismo, efetuar um “resgate da inocência da existência e da abolição do sentimento de culpa”.²⁷⁵ A importância da “inocência” para a filosofia de Nietzsche, como condição para o criador, é explicitada no seguinte trecho de *Assim falava Zaratustra*: “Inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação. Na verdade, meus irmãos, para brincar o brinquedo dos criadores é necessário ser uma santa afirmação”.²⁷⁶ Evidencia-se que a contrapartida nietzschiana, sua contradoutrina dionisíaca, dota a vida, a terra, a existência de dignidade e vigor, mediante a recuperação da inocência da criação artística: tendo-se a necessidade, claro, de compreender o que Nietzsche entende por “arte”:

A arte e nada além da arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande sedutora para a vida, o grande estimulante da vida. A arte como a única força

²⁷⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. “Tentativa de autocrítica”, § 5.

²⁷⁵ GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. “Entre servo e livre-arbítrio”. In: MARTINS, André (Org.) *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. P. 110-111.

²⁷⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. “Das três metamorfoses”, p. 42.

contrária superior em relação a toda vontade de negação da vida, como o elemento anticristão, antibudista, antiniilista *par excellence*. A arte como a *redenção do cognoscente* – daquele que não apenas vê e quer ver o caráter terrível e questionável da existência, mas que também vive, quer viver, o caráter do homem trágico e belicoso, o do herói. A arte como a *redenção do que sofre* – como caminho para estados nos quais o sofrer é querido, transfigurado, divinizado, no qual o sofrimento é uma forma do grande êxtase.²⁷⁷

A arte é o grande incentivo à vida, o elixir que confere vontade de viver, que dota a realidade de beleza e ânimo, que mostra possibilidades de vida, expande as experiências, oferece meios de superar o terror, o sofrimento e a ausência de sentido, faz da vida algo que se queira viver, e viver de novo, em um eterno ciclo de nascimento e perecimento, construção e destruição – a dimensão trágica da existência, que pode ser exemplificada na relação entre Apolo e Dioniso:²⁷⁸

O mito trágico só deve ser entendido como uma afiguração da sabedoria dionisiaca através de meios artísticos apolíneos; ele leva o mundo da aparência ao limite em que este se nega a si mesmo e procura refugiar-se de novo no regaço das verdadeiras e únicas realidades.²⁷⁹

Nietzsche via a arte trágica como a saída que os gregos buscaram para superar a sabedoria de Sileno,²⁸⁰ ou seja, fizeram uso da arte para superar os tons mais sombrios e catastróficos

²⁷⁷ Id. *Fragments póstumos: 1887-1889: volume VII*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. Maio-junho de 1888, 17 [3], § 2.

²⁷⁸ O retorno aos gregos, sobretudo aos mitos gregos para exaltar a tragédia e a relação entre os deuses Apolo e Dioniso, se dá sobretudo porque para Nietzsche eles foram um povo que soube lidar com o sofrimento, a infelicidade como naturais ao mundo à existência, mas não com resignação, e sim com transmutação, com uma nova forma de valorar e dar sentido à vida que a dotasse de beleza e estímulo – e o fizeram enquadrando, limitando seus impulsos e tendências mais destrutivos, e não extirpando ou negando essas tendências (FRIEDRICH, Nietzsche. *Humano, demasiado humano II: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, “Opiniões e sentenças diversas”, § 220). A valorização do dionisiaco, por parte de Nietzsche, não significava que ele enxergava uma relação em que este superaria o apolíneo – este o princípio de criação das belas formas e das belas aparências, o que dotaria a vida de de beleza –, mas sim a ênfase no elemento desagregador do dionisiaco, sua característica de dissolver as instaurações, já que Dioniso era o Deus que morria e renascia repetidamente – Nietzsche com isso enfatizava o elemento trágico como destruidor mas sobretudo possibilitador de novas criações: “No momento em que Dioniso se apresenta, ele sempre traz consigo de fato uma dissolução ‘das barreiras e dos limites habituais da existência’” (CASANOVA, Marco Antônio. *O instante extraordinário: vida, história e valor na obra de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 53).

²⁷⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. § 22, p. 131.

²⁸⁰ O trecho em que Nietzsche expõe a sabedoria de Sileno é este: “O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, *nada* ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer [...] O

da existência, transfiguraram a dor, burlaram o sofrimento, fizeram uso da arte para dar novas cores à vida, para embelezá-la a, se antes a saída para a vida era a morte, agora, o melhor seria o mais tarde morrer, ou seja, a vida se tornaria algo desejável de vivenciar, pois era possível de ser transmutada, transformada por um princípio artístico: “[O grego] viu, conheceu e acolheu o mais terrível, o mais medonho, o mais abissal da vida e transformou ou transfigurou essa dor em obra – a tragédia e a filosofia, a arte e o pensamento”.²⁸¹ À falta de sentido, ao sofrimento sem explicações, à vulnerabilidade frente ao acaso, ou seja, aos perigos do niilismo, do nada, o gregos respondiam com uma estetização da existência, com um criar artístico que dava valor, louvava a existência, a vida.²⁸²

No entanto, a importância da arte, para Nietzsche, não é de produzir obras, objetos, e sim de provocar uma modificação existencial, de produzir um estímulo forte desestabilizador, irrompedor, sobretudo transfigurador, é um trabalho sobre si, uma elaboração de impulsos e instintos agressivos, violentos, destrutivos em algo belo: “Uma prática da vida cotidiana, um exercício de existência”.²⁸³ É a aplicação de uma estética sobre si mesmo – uma arte existencial:

A arte deve, sobretudo e principalmente, embelezar a vida, ou seja, tornar a nós mesmos suportáveis e, se possível, agradáveis para os outros: com essa tarefa diante de si, ela nos modera e nos contém, cria formas de trato, vincula os não educados a leis de decoro, limpeza, cortesia, do falar e calar no momento certo. Depois a arte deve *ocultar* ou *reinterpretar* tudo o que é feio, o que é doloroso, horroroso, nojento, que, apesar de todos os esforços, sempre torna a irromper, em conformidade com a origem da natureza humana: deve assim proceder, em particular, no tocante às paixões e angústias e dores psíquicas, e no que é inevitavelmente ou insuperavelmente feio deve fazer com que transpareça o

grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir: para que lhe fosse possível de algum modo viver, teve de colocar ali, entre ele e a vida, a resplendente criação onírica dos deuses olímpicos [...] agora, invertendo-se a sabedoria do Sileno, poder-se-ia dizer: ‘A pior coisa de todas é para eles morrer logo; a segunda pior é simplesmente morrer um dia’” (NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, § 3, p. 36-37).

²⁸¹ FOGEL, Gilvan. *O homem doente do homem e a transfiguração da dor: uma leitura da “Da visão e do enigma” em Assim Falava Zaratustra, de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. P. 76.

²⁸² NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. § 24, p. 140-141.

²⁸³ ONFRAY, Michel. *A escultura de si: a moral estética*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

significativo. Após essa grande, imensa tarefa da arte, o que se chama propriamente arte, a das *obras de arte*, não é mais que um *apêndice*.²⁸⁴

A experiência artística reinterpreta, transmuta, expande as possibilidades de viver, não é produtora de utensílios para simplesmente serem expostos para deleite ou contemplação, e muito menos de entretenimento ou diversão – a obra é mera objetivação do acontecimento de um processo interno mais amplo: “A arte é essencialmente afirmação, divinização da existência. Nietzsche valoriza os impulsos estéticos como condição de criação de novas condições de existência”.²⁸⁵ Ela reconcilia o homem com a natureza no momento em que reconduz o homem à experimentação, à experimentação com o caos que é o mundo, alargando e esgarçando modos de viver.

Em um movimento que começa com a instauração de uma visão de mundo que se exerce por intermédio de uma moral, que depois de instalada se torna vigente e com o tempo “natural”, fazendo com que se caia no esquecimento sua criação, seu estabelecimento – sempre arbitrário – é decorrente do aparecimento do niilismo, pois toda convenção chega ao fim, toda moral perece, de acordo com a condição trágica do mundo, já que o que rege a realidade é o devir, o eterno vir-a-ser. Essa condição trágica da realidade Nietzsche ilumina com as noções de apolíneo e dionisíaco, em que a criação e a destruição parecem remontar o eterno retorno²⁸⁶ da necessidade de dar sentido à existência; e com essa revelação que a

²⁸⁴ FRIEDRICH, Nietzsche. *Humano, demasiado humano II: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. “Opiniões e sentenças diversas”, § 174.

²⁸⁵ DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. P. 56.

²⁸⁶ Sobre o “eterno retorno”, diz Rocha (*Os abismos da suspeita: Nietzsche e o perspectivismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003, p. 71): “O que se repete sempre é o devir e o acaso, não esta configuração particular do acaso”. E aqui se revela o sentido da contradoutrina dionisíaca, de reconciliação do homem com o mundo, a vida e a condição humana: “Esse mundo: uma imensidade de energia, que não se torna maior nem menor, que não se consome mas apenas se transforma, como um todo imutavelmente grande, uma economia doméstica sem despesas nem perdas, mas igualmente sem crescimento, sem adendos, por ‘nada’ cercada senão por seus limites, nada dissolvendo nem desperdiçando [...] como jogo de forças e de ondas energéticas ao mesmo tempo uno e ‘múltiplo’, cá se acumulando e simultaneamente se rareando acolá, um mar de forças que fluem e refluem em si mesmas, eternamente se modificando, eternamente refluindo, com anos enormes de retorno, com marés altas e baixas de suas configurações [...] como devir que não conhece nenhuma barriga cheia, nenhum fastio, nenhum cansaço –: esse meu mundo dionisíaco do se-refazer-eternamente-a-si-mesmo, do se-destruir-eternamente-a-si-mesmo, esse mundo enigmático da dupla volúpia, esse meu além do bem e do mal, sem meta [...] *Esse mundo é a vontade voltada para o poder, a vontade de poder – e nada além*”

filosofia de Nietzsche faz, é possível compreender o sentido da experiência do mar aberto como nova abertura de horizontes a serem explorados:

Nós ainda não sabemos “para onde?”, para o que estamos sendo impelidos, depois de termos sido arrancados de tal modo de nosso velho solo. Mas foi esse solo mesmo que cultivou em nós a força que nos impele agora para além, em direção ao espaço longínquo, em direção à aventura, <por meio da qual> nós somos empurrados para fora, para o sem margem, não testado, não descoberto – não nos resta nenhuma escolha, precisamos ser conquistadores, depois de não termos mais terra alguma, na qual possamos estar em casa, na qual gostaríamos de nos “manter”. Não, vós sabeis disso melhor, meus amigos! O sim velado em vós é mais forte do que todo não e talvez, nos quais vós estais doentes e viciados com o vosso tempo; e se vós precisais vos fazer ao mar, então impingi-vos uma crença para tanto....²⁸⁷

Com a experiência do mar aberto, proporcionada pelo niilismo, como constante dissolução – já que para se ter um pensamento não dogmático, religioso, necessita-se do niilismo –,²⁸⁸ e o eterno retorno, como sempre necessidade de um novo avaliar, um interpretar e instaurar valorativo, “o criar parece um arremesso de bumerangue.²⁸⁹ Após ser arremessado, retorna ao ponto de partida para possibilitar um novo arremesso”²⁹⁰. Tem-se, assim, a recuperação da inocência, com o devolver ao homem o poder de criação, já livre do sentimento de culpa ou de subordinação a uma instância metafísica que castre suas potencialidades:

O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa. Supondo que tenhamos embarcado na direção *contrária*, com uma certa probabilidade se poderia deduzir,

disso! E inclusive vós mesmos sois tal vontade de poder – e nada mais!” (NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos do espólio: primavera de 1884 a outono de 1885*. Brasília: Ed. UnB, 2008, junho-julho de 1885, 38 [12]).

²⁸⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Outono de 1885 – outono de 1886, 2 [207].

²⁸⁸ Id. *Fragmentos póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Final de 1886 – primavera de 1887, 7 [64].

²⁸⁹ Klossowski elucida muito bem a relação entre niilismo e eterno retorno na filosofia de Nietzsche: “O fato de *me querer de novo, mais uma vez*, denuncia que nada consegue nunca se construir *em um sentido, uma vez por todas* [...] Esse é um signo no qual eu mesmo não sou nada, ao qual volto sempre para nada [...] o Eterno Retorno é apenas o modo de desdobramento da vida [...] em que o sujeito é surpreendido pela ronda das *inúmeras vezes: uma vez por todas desaparece*” (KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000, p. 85, 93).

²⁹⁰ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo: Ed. Unifesp, 2009. P. 255.

considerando o irresistível declínio de fé no Deus cristão, que já agora se verifica um considerável declínio da consciência de culpa do homem; sim, não devemos inclusive rejeitar a perspectiva de que a vitória total e definitiva do ateísmo possa livrar a humanidade desse sentimento de estar em dívida com seu começo, sua *causa prima*. O ateísmo e uma espécie de *segunda inocência* são inseparáveis.²⁹¹

A inocência recuperada permite ao homem o estabelecimento de uma nova perspectiva, à altura de um vivenciar saudável do niilismo, tomando os princípios de dissolução como condição da criação de novas formas de viver, como abertura à experimentação – “Nós somos experimentos: sejamo-lo de bom grado!”²⁹² “Experimentar e interrogar: é a minha maneira de avançar”.²⁹³ Nietzsche compreende a realidade como um devir incessante, em que o dionisíaco manifesta a pulsão artística mais própria do trágico (elemento primordial da vida como o filósofo a entende), os impulsos e tensões, conflitos, relações de força, enfim, a vontade de poder. O pensamento nietzschiano expressa-se como uma *contradoutrina dionisíaca* que apregoa uma filosofia artística, baseada na experimentação, capaz de apresentar-se como oposição à moral cristão, platônica, dogmática, e também moderna, assumindo-se como uma filosofia que tenta “escutar a voz suave das diferentes situações da vida”,²⁹⁴ ousar ser amoral como a natureza,²⁹⁵ no sentido do que significa ir além do bem e do mal para Nietzsche: ir além das convenções, de uma moralidade de rebanho, estabelecer valores de modo criativo, artístico, assumindo o genuíno modo de instauração do que lhe é próprio, a vontade de poder.

²⁹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. “Segunda dissertação”, § 20.

²⁹² Id. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. § 453.

²⁹³ Id. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. “Do espírito de pesadume”, § 2.

²⁹⁴ Id. *Humano, demasiado humano I: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. § 618.

²⁹⁵ Id. NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos: 1885-1887: volume VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Outono de 1887, 10 [53].

Referências bibliográficas

ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CASANOVA, M. A. *O instante extraordinário: vida, história e valor na obra de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DIAS, R. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FOGEL, G. *O homem doente do homem e a transfiguração da dor: uma leitura da “Da visão e do enigma” em Assim Falava Zaratustra, de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

GIACOIA Jr., O. Entre servo e livre-arbítrio. In: MARTINS, A. (Org.) *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HEIDEGGER, M. *Nietzsche I*. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Trad. Hortencia S. Lencastre. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Ed. Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, F. Fragmentos póstumos 1885-1887, volume VI. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. Fragmentos póstumos 1887-1889, volume VII. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

_____. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. *Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

_____. *Fragments do espólio: primavera de 1884 a outono de 1885*. Trad. Flávio R. Kothe. Brasília: Ed. UnB, 2008.

_____. *Humano, demasiado humano II: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. *Humano, demasiado humano I: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

ONFRAY, M. *A escultura de si: a moral estética*. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ROCHA, S. P. V. *Os abismos da suspeita: Nietzsche e o perspectivismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.